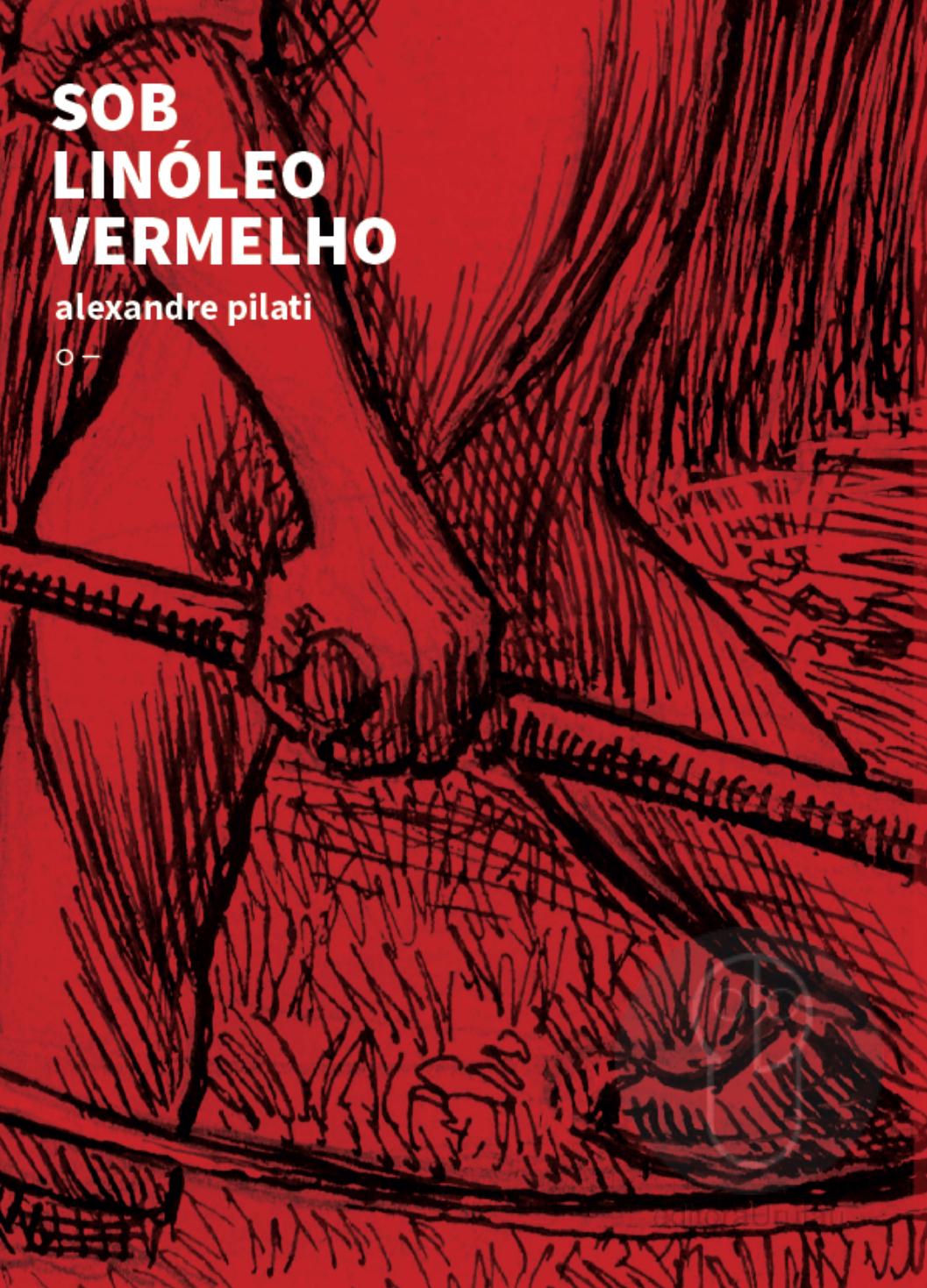


SOB LINÓLEO VERMELHO

alexandre pilati

o -



“A poesia/é uma caixa/cheia de pregos/enferrujados/protegida pela pele/de um tomate”, definem os versos finais de “Oficina”, poema de abertura desta sexta coletânea de Alexandre Pilati.

A imagem da poesia como algo cortante e perigoso, protegido por uma membrana orgânica, perecível e fragilíssima, parece inverter o sentido da imagem que dá título ao livro, extraída do poema “Colheita”, de Louise Glück, que Pilati utiliza como epígrafe. Nele, a poeta estadunidense fala da última colheita de outono, das frutas e vegetais já danificados pelo frio. Os tomates parecem “cérebros humanos cobertos por linóleo vermelho”. Aqui, o interior do objeto, tomate ou cérebro, é frágil e aparece protegido por material resistente, impermeável e industrial. Mas o linóleo vermelho não impede a ação do tempo: o tomate apodrece, assim como o prego enferruja. Assim, apesar das suas diferenças, as duas matérias movimentam-se, isto é, mudam de forma, transformam-se. Embora em diferentes velocidades, tanto o ferro como o tomate decaem e perecem. A atividade cerebral também cessa, eventualmente. Como lemos em “Rejuvenescência”, “Certas coisas — a poesia, o órgão do sexo,/ os instintos e alguns lugares/onde de repente estamos/ou em que sempre estivemos —/encontram a ruína devagar.//E, com sorte, feito a juventude,/desaparecem sem tragédia”.

Logo, fintando pé no campo do possível (“Ó, alma, não aspira à vida imortal, mas esgota o campo do possível”, apela o distílico de Píndaro), o poeta fala da matéria submetida ao devir aristotélico, esse movimento incessante e interminável da potência ao ato, que se realiza em tudo: nas coisas, naturais ou artificiais, e nas ações humanas. Mas se, para o filósofo grego, a matéria se move com uma finalidade — a de encontrar seu lugar natural, atingindo a perfeição do mundo supralunar —, para Pilati o mundo é um só: sensível, imanente, cujos movimentos nem sempre são previsíveis ou necessários.

Pois é de fragilidade, instabilidade e contingência que Alexandre Pilati extrai a força de seus poemas e segue adiante: para além dos movimentos da matéria, há os movimentos da história, que determinam a própria physis. Mas, atenção: não se trata da história como totalidade estrutural, unidade sistemática, mas da história heterogênea, descontínua, composta de fenômenos particulares e transitórios. É no interior dessa “história natural” (para falar com Adorno), ou natureza histórica, que Pilati busca dizer o ser das coisas — e por isso sua poesia tem também uma aspiração ontológica.

Assim, é sintomático que “Os anjos com os quais mais simpatizamos são aqueles de quarto ou quinto escalão, feitos de gesso” (“Esculturas infinitas”); no poeta que lida com a matéria rebaixada, “nada há que seja feito de ar” (“Entulho”). O eu lírico de “Escapatória”, tal como o inseto de Kafka, parece ter a “consciência agudíssima/de que só se pode profetizar/o presente e ele é um labirinto/cheio de gigantes”, em que “escapatória” é mais palavra que realidade. A percepção da transformação das coisas caminha de mãos dadas com a consciência aguda do processo social junto ao qual a poesia também se move. As coisas do mundo sublunar não estão sujeitas apenas às leis do hilemorfismo (às interações entre matéria e forma), mas também aos movimentos da história, que engendram classe, trabalho, produção (“Preso à minha classe e a algumas roupas (...)”, diz Drummond, que é mestre e guia da poesia de Pilati).

Não por acaso, é em outro poema metalíngüístico (“Literatura”) que Pilati retoma o título do livro: “Essa cálida luz/de prece e cadafalso/sob linóleo vermelho”. O que o linóleo protege, aqui, é a própria literatura, luz provisória e perene, ameaçada e resistente, solitária e empenhada.

O —



editoraUrutau



alexandre pilati

(Brasília, 1976) é professor de literatura brasileira da Universidade de Brasília e poeta. É autor de, entre outros, os estudos *A nação drummondiana* (2009), *Poesia na sala de aula* (2017) e *Pasolini: poesia, paixão e política* (no prelo). Como poeta, publicou cinco coletâneas, sendo a mais recente *Tangente do cobre* (2021). Mantém o site www.alexandrepilati.com para a divulgação de seu trabalho.

SOB LINÓLEO VERMELHO

alexandre pilati



editoraUrutau

O —

editora Urutau

rua maestro demétrio kipman, 210,
jardim américa, bragança paulista — sp,
12902-130, brasil

avenida peirao besada, 6 – 2D
36163 poio-pontevedra
(espanha)

[+34] 644 951 354 [espanha]
[+55] 11 9 4859 2 426 [brasil]

www.editoraurutau.com.br
contato@editoraurutau.com.br

[EDIÇÃO]
tiago fabris rendelli & wladimir vaz
[COORDENAÇÃO DE REVISÃO]
debora ribeiro rendelli
[REVISÃO]
juliana palermo
[CAPA E DIAGRAMAÇÃO]
victor prado

© pilati, 2021.

**dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
de acordo com ISBD**

pilati, alexandre
P637s sob linóleo vermelho / alexandre pilati. bragança paulista, sp: editora urutau, 2022. 96 p.; 14 x 19,5cm.

ISBN 978-65-5900-196-5

1. literatura brasileira. 2. poesia. I. título.

2022-41
elaborado por vagner rodolfo da silva - CRB-8/9410



editoraUrutau

sumário

- [09] Oficina
- [13] Fantasmas
- [15] Coxinha
- [16] Esculturas infinitas
- [19] Acordo de cavalheiros
- [20] Na rua da Palma
- [22] Clã
- [23] Partidária
- [24] Figadal
- [26] Entulho
- [27] Lente
- [30] Entrevista no porão
- [31] Sâmara
- [33] Saudade
- [34] A estrela da manhã
- [36] Pássaro de sangue
- [37] Imortalidade
- [38] Borocoxô
- [39] Nova política
- [40] Cadáver comum
- [41] Instante
- [44] Poetas
- [45] *A lógica cultural do capitalismo tardio*
- [46] *Los incas*
- [51] As metamorfoses
- [53] Na unha
- [54] Móbile
- [56] Arte



editoraUrutau

- [57] Lição de Molly
- [59] Escapatória
- [64] Transportes coletivos de Brasília
- [65] A escada
- [68] Campo de letras
- [69] Literatura
- [71] Cancelamento
- [72] As crianças
- [75] As nuvens
- [78] Pau-terra
- [79] *Smartphone*
- [80] São Bartolomeu
- [82] Acosso
- [86] E-mail sem assunto ao Armando Freitas Filho
- [88] Uma caligrafia
- [92] Rejuvenesça
- [94] Abr'olhos



*They're beautiful still on the outside,
some perfectly round and red, the rare varieties
misshapen, individual, like human brains
covered in the red oilcloth*

Harvest, LOUISE GLÜCK



© 2016 NB Foundation

SOB LINÓLEO VERMELHO



© direitos reservados

Oficina

I

Nem que você escreva
um poema por dia
chegará ao fim
do ano com um milhão a mais no bolso
ou com mais saúde, tranquilidade.

Mas talvez depois de tanto
murro-em-ponta-de-faca
seja o usufrutuário de algo
em torno de três boas tentativas
e uma delas quem sabe seja
parecida com a fruta mordida pela fome.

II

Escreva poemas
em um caderno
cujas folhas se soltem facilmente.

Publique poemas
em livros que facilmente
se desfaçam
em vida.



III

Lembre-se de todas as pessoas que você teme
antes de pôr

qualquer
palavra
no papel.

É provável que você aprenda
a dar valor

a cada sílaba
que irá recolher.

É também de medo
que se faz a escaldada gramática da poesia.

IV

Agradeça com alegria
agradeça com muuuita gratidão.
A cada cão

bípede ou não
que deixou em mil pedaços
os versos em que você pôs
a força dos céus e das mãos.

A poesia verdadeira é aquela
que já não conseguimos recuperar.

Assobie.



V

Não escreva!

Copie!

Despiste,
desista...

Ao final você terá a impressão de que escreveu um poema.
Ou de que os ouvidos receberam a ordem tranquila da noite.

VI

Da mão direita,
se ela for a mais forte,
os cinco dedos cerrados,
o braço todo em arco
o sangue-raiva-presa-na-gaiola:
vulto de arma, velocidade que vento.

Nada disso é útil
se não acertar
a ponta do queixo
do inimigo bem no meio
daquilo que é a
(e viva a analogia!) pera.

Isso tudo junto
em movimento
em um instante
a gente chama



em um impacto
de poema.

VII

A poesia
é uma caixa
cheia de pregos
enferrujados
protegida pela pele
de um tomate.



editoraUrutau

Fantasmas

Já juntamos “n” vezes
os castelos que puseram ao chão.
Incontáveis as pedras
que repusemos nas paredes
esperando por certezas e abrigo.

Mas eles insistem
em meter as mãos sob
a nossa túnica inconsútil
para, com apenas três dedos,
controlar por dentro do corpo
braços e cabeças.

Isso sem falar na nota de rodapé
terrivelmente reiterada, gralha,
que bota o entrecho em contradição,
e o argumento virado de pernas pro ar,
por um sempre inexplicável
da-cá-aquela-palha.



Não: os mortos não governam os vivos.

Debaixo do céu e em cima do chão,
não se dança fora da lei dos fantasmas.



Coxinha

É vegana.

Mas não
me engana.



Esculturas infinitas

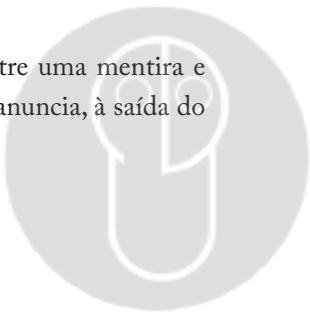
Os anjos com os quais mais simpatizamos são aqueles de quarto ou quinto escalão, feitos de gesso.

Capazes de ironia, esfolados e abertos às susceptibilidades do sexo. Acostumados ao fel e adaptados à vingança, letrados na astúcia, cativam num piscar de olhos.

Passam, alvos, os anjos de gesso, e sabemos de seu lugar na hierarquia celeste porque a sua deambulação produz uma cachoeira de ferros e vidros velhos. Dizem que é o som dos seus pecados.

Os anjos de gesso, a um passo da queda, trabalham com o lixo. Trazem rotas as sandálias, que perderam, essas sim, de todo, o ar celestial.

Nos balcões, vemo-los a entornar a pinga entre uma mentira e outra. É quando um pouco do pó se desfaz e anuncia, à saída do boteco, mais milímetros perdidos da asa sutil.



Como sabem nos olhar nos olhos e questionam autoridades injustificadas, esses anjos provocam também paixões baixas como a ira.

Já se relatou mais de um caso de homens e mulheres em fúria que guardaram temporariamente os crachás e avançaram contra eles.

Munidos de desespero e de um martelo, desejavam romper o gesso dos anjos; e isso bem no meio do peito, onde supostamente lhes moraria o coração.

Já aconteceu, vez sim, vez não, de o gesso se partir e deixar a placa entrever, pelas fendas, a alma maciça dos anjos: de estanho, cobre ou pedra-sabão.

Isso para escândalo, diga-se, de quem julgava que os anjos de quarto ou quinto escalão, pela leveza da performance, seriam apenas moldes vazios de gesso.

O regular, entretanto, é que os amemos mais que a nós mesmos. Especialmente quando esperam na fila, batem a canela na quina ou juntam, nas bermas da estrada, as beatas.



Efetivamente esplendoroso é o seu patético voo de gaivotas tontas.
Aliás, igual a essas, os anjos de gesso usam o seu canto-grito como
uma lança nas manhãs:

cravando o amarelo no ambiente onde o céu e o mar buscavam
galvanizar em nós o desejo da burra unanimidade do azul.



editoraUrutau

Acordo de cavalheiros

Com aquela mulher?
Não tinha negócio!



Na rua da Palma

o desejo
o querer
necessários

por justiça cósmica
e para que cada letra
encontre na outra o seu amor

o certo de fato
era que sua palma e a minha palma

estivessem uma

na ventania da rua que leva à certeza
totalmente latino-americana
de que muitos séculos
exigem-se
para que
a esperança
a paixão
e a verdade
delirem



editoraUrutau

e desçam do céu
substantivos concretos
que batem na cara
alimentam a carne
provocam as lâmpadas

juntas
a jugular de cada um no inteiro mundo
a jugular de cada um dos seres humanos inteiros

vivos

que apenas desejam
sorrir
ao vento: sem dinheiro, sem documento

em liberdade
como os gatos que miam
alheios
à ardência da alienação



Clã

para o Hans Magnus

Todos me morreram.
Já faz anos e quando tento recordar
vem-me a extravagante ideia
de que foi meio que tudo ao mesmo tempo.

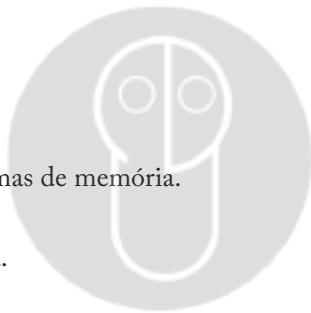
Além desses idos há uns que moram longe.
Numa terra que de tão distante
parece o passado da Terra.

Justiça seja feita à valente exceção da tia, ali.
Ela mora defronte; a uma unha negra de perigosa distância.

Naquele seu jeito de velhinha benigna
eu sei que ela esconde os códigos
capazes de desenlear o caos
do velho jogo sem vencedores.

Ela talvez seja a única nesta encarnação
que se lembre de quem eu fui.
Embora reiteradamente finja que tem problemas de memória.

Especialmente quando me trata como criança.



Partidária

Pedra quebradiça,
molotov frio,
drops da comuna,
palavra de vidro,
palavra de ar,

leão: forte, bonito, grande — sem dente.



Figadal

“risca fósforo
só por brinquedo?
pois acaba queimado!”

a mãe, se viva, diria.

“mija depois na cama”,
e pesa, no sonho,
o mau cavaleiro.

“não foi por falta
de *olha-lá...*” aponta
o isento público
sempre a posteriori.

noves fora, todavia,
repousam nas escápulas
os rabiscos da abstrata ousadia
— esta coisa sem cores,
feita de agulhas.

e o sol que abrasa
com as tintas de Gauguin



a moleira da humanidade
colhe o ton-sur-ton
de girassol murcho
em nuvem de poeira
do globo ocular de Prometeu,
esmaecido pela hepatite crônica.

mas o herói, como nós,
“dá ao luxo” e se compraz
ao ver seu reflexo
— estátua possível —
nas ferraduras do castigo,
que, renitente, chega de galope.



Entulho

O poeta é perito:

em ralar os joelhos
na poeira das estrelas;

em deixar os dentes
nos paralelepípedos da lua.

O poeta tem a alma de amianto.
E seu sonho é de granito.

Não adianta procurar,
nem fingir esse estupor:
nele nada há que seja feito de ar.



editoraUrutau

Lente

à memória de Hermenegildo Bastos

a palavra mais bonita
que vinha em sua voz
era “inteligibilidade”
— o que pode ser compreendido (?) —
e havia outra, linda,
mais infrequente: “deslindar”

ambas, ação e substância,
espetadas em sua missão,
sua ideia fixa delicada:
“desurdir”

entre ação e substância
você sempre nos dizia
que a pergunta certa — lenta —
interessa mais que mil
e uma — apressadas — respostas

as suas mãos desenhavam,
na lousa do ar, gestos
de descoberta e interpretação,
separando o util do espesso,



e penetravam na terra,
como faz o camponês,
para colher as linhas
de manhã do sutil
nascidas da noite do espesso

dialética rediviva:
esse trabalho que tanto
lhe calejou o olhar incansável
através do imenso abraço
entre a palavra, a arte,
e o mundo dos homens

sua lente, nosso norte
sua lente enxergava as coisas
e nos deixava maiores
aumentando a vida
para que nosso olhar pudesse
pairar sobre os ombros do futuro
em busca da superação
em busca do que vive
e muda para começar sempre
após o fim de tantos caminhos

sua lente, nosso norte:
que não termina,
— o próprio espírito —
que sabe da morte
e se prolonga



em busca, sim, do que é,
(sim, “do que é”!)
mas, sobretudo,
do que poderia ter sido.



Entrevista no porão

Como o bico
se mantivesse
fechado,
descobrimos
(inventamos)
novos usos
para o tesourão.



editoraUrutau

Sâmara

garganta lassa
tesa e prática
abstrata caminha
o chão de ossos
a loca rouca de desejos

futuro é aquela palavra
a esgrimir ou desenhar
a nanquim e no alecrim
marca de sol em pele fria

garganta bomba
espreita mas não espera
por lemas ou parlendas

(astúcia não dá em árvore, mas é sâmara)

erga-te!

(insídia será também um botão de flor)

sê girafa!
acima do padrão
do jardim



do abajur
à altura da gente

sê grito!
trabalho, dia e asas



editoraUrutau

Saudade

A vida tem
umas asas
de mármore;
e o chão
é um perigo
mais próximo.



A estrela da manhã

preocupações do dia
amordaçam o sono

os olhos passeiam
a noite lateral
submetida à moldura da janela

uma mancha triste
boia na brisa entre ramos
num céu prévio
e pede o auxílio dos óculos

busco a cabeceira
tateio este instrumento de leitura
que deixa ver uma estrela pequenina

quase decepcionante
se considerada a esperança
que da miopia nascera

não, não se tratava da estrela da manhã



mas a luz era verdadeira
e semelhante demais
à mão grossa
da trabalhadora do campo
para ser ignorada

inegável, evidente, profunda

tanto quanto os galos
que provocavam a teia da galáxia morta

com seu canto de motor
e seus olhos de arrepio



Pássaro de sangue

a sombra
do pássaro de sangue
que nos desconhece
recorta um ângulo da varanda

vê-se daqui
cadeira de balanço
lentes cansadas
risca a sombra
o canto
o faro para sufoco
das avencas de plástico
a memória danificada

passa o pássaro de sangue
passa a sombra
das gotas
das gotas
das gotas

não é sombra
é sangue



editoraUrutau

Imortalidade

Esfalfa.

Pesa.

É um fardão.



Borocoxô

Reparando bem
as paredes do cubo sem lâmpadas
têm três ou quatro frestas
por onde se aventuram
pobres fios dentais de luz.

Difícil será
recuperar a picareta
em meio aos inutensílios
e à escuridão.



Nova política

Isto que escorre
do rasgo da boca
não é matéria
para guardanapos.



Cadáver comum

Cadáver:

o corpo morto, inteiro (ou quase inteiro),
e não decomposto,
de um ser humano.

Comum:

relativo ou pertencente
a dois ou mais seres ou coisas,
comunitário.

Um cadáver comum é um cadáver que pertence a todos nós.

Um cadáver comum tem um pouco do que morreu em todos nós.

Um cadáver comum é o que sobreviveu ao que não é comum.

Um cadáver comum deixou de ser morto para viver em nós.



editoraUrutau

Instante

sobre o móvel,
entre coisas
que nos continuam,
e além dos fatos
de sal e doce,
dos fantasmas
e das fantasias:
estamos ali detidos
no cadeado do instante
pela pose de um beijo.

beijo um, apenas.
único: que vinha de antes,
que vai ao depois,
sabendo disseminar-se
para as demais nuances
da imagem, a determinar
a gramática da cena
onde nos encontramos
desde que a lua nasceu.



dentro do beijo,
estamos numa valsa?
nos dizemos algo?
sorrimos, esperamos?
a distância do clic
e a mão do tempo
no papel de foto
aliam-se hoje
para não deixar perceber,
para que só seja possível
pressentir, intuir ou inventar,
sendo a sugestão a moldura
perfeita da poesia.

é a poesia analógica
da imagem sob o signo do tempo.
nada mais humano, talvez.
assim é que transcendemos
aquele aqui e transfiguramos
nossa juventude para o agora.
mas repara, amor,
tudo, neste momento,
submete-se
a teu nome pequeno,
que, por um átimo,
dispensa o circunflexo.



o teu pequeno nome,
única atmosfera, elo,
que fisga o núcleo de mim
para dentro da felicidade.



Poetas

Alguns permanecem
irremediavelmente
mortos depois de vivos.



editoraUrutau

A lógica cultural do capitalismo tardio

estado
semelhante ao sono
gerado
por um processo de indução
— o indivíduo fica muito suscetível à sugestão do hipnotizador

todo estado
de passividade semelhante
ao do sono
artificialmente provocado
numa pessoa pela absorção de produtos
— especialmente por meio da sugestão

torpor, sonolência

estado
de passividade
durante o qual uma pessoa
fica entregue
ao fascínio
que alguém ou alguma coisa
exerce sobre ela
magnetismo



Los incas

Os antepassados ensinaram
a viver aos degraus.

Todavia, sim,
mascam e guardam
as folhas da coca
dentro da boca
inchando a bochecha
esquerda: “mata a fome,
tira a náusea de subir”
ao último degrau
do morro da habitação
sem reboco
onde vinte e oito
metros quadrados
abraçam os membros
enfermos de três
famílias.

No seu trajeto
há esquinas demais
por onde, pedintes,
perderam



editoraUrutau

sortes a gotas contadas.

E, se esgotados,
pelas ruas estendem
o corpo confundido
com a sujeira,
ferido das flechas
perdidas.

Os sopros
da sua música
gravam nos
muros uma tristeza
de carne, osso e minérios.

Adoram sempre
o deus sol, que
é o único aquecimento
disponível
na cidade de gelo.

Pressentem
no arco-íris
o adorno indelével
da miséria.

Há séculos
são íntimos dos infernos
e encaram de frente
os pisões que lhes
regalam os demônios:



imperadores, generais,
ouvidores, economistas.

Bons agricultores,
colhem só
o melhor
das perdas da História
e do nojo dos anjos.
As crianças espalham
risos na sarjeta
como se semeassem
cantutas de luz.

O mais pequenino,
Ataualpa,
sabe rolar
nas poças
e limpar o ranho
na calça do turista
num abraço sem calendário
feito apenas de ar e de lua.

Mas poderia ser apenas
a chuva, que, desde
tempos coloniais,
não cessa nunca
neste umbigo
periférico do mundo.
A chuva ou as humilhações.



Possuem sonhos, sorriem,
esperam: existir é longo
demais para uma compleição
assim frágil e dura
que abriga a chaga
sacrificial
de um abandono
sorridente.

Sua pele, demasiado morena,
é a preferida no forno
do subdesenvolvimento
pela semelhança
imemorial com o carvão.

Quando se lhes aperta
a mão, é possível
tocar um calo
de mil quilos
de pedra
cuja idade longínqua
não ocorreu ainda
aos cientistas
investigar.

Eles são todos juntos,
e cada um,
este rio
que desce das alturas



e do passado
para bater na porta
da nossa casa.

E eis que ardem,
aparelham-se de medo
ou ímpeto e cismam
sobre o que seja
esta espada pesada
que há tanto tempo
reluz sobre o pescoço
sempre exposto
de seus irmãos
latino-americanos
(os quais talvez não saibam
da trilha insuspeitada,
que, através de lamas,
subúrbios, favelas e campos,
leva ao sangue
derramado
de *los incas*).



editoraUrutau

As metamorfoses

Aquele projeto
de sermos outra vez
o que já fomos
fica pro ano que vem
quando houver
menos dias no planeta.
Não é surpreendente?

A última gota
que caiu
diz que aí vem o iceberg
ladeira abaixo.
Ela diz ainda que é capaz
que o próximo passo junto
traga monções de estrelas.

Há ouvidos
por todas as partes.
Não cultivados e interessados
apenas nos intercursos do chão.
Nada além de torpor e fogo.
O cachorro vai latir lá fora



mais humano que o dono
dentro do cômodo
até perder a voz
e começar a escrever.

Assusta que a bomba
seja assim tão pequenina:
brisa em ponta de palmeira,
peste no bico do pistilo.
Não se supunha antes
que ela caberia
num coração de célula.

Quem diria
que os artistas sem espetáculo
seriam tão pouco espetaculares?
O silêncio sem asas ou requinte
é um objeto cúbico
maciço, sem alças.
Como carregar?

O consolo transborda
a conta dos dedos,
que garatujam no breu.
Limpe o terreno,
a sujeira quer ficar
embaixo do tapete.
Até ela quer como nós
apenas descansar.



Na unha

Não precisa
Ser muito

Nem pra sempre

É só matar

Até o seu vizinho
Ficar em carne viva



Móble

Qual pluma ao vento,
o corvo segue penso,
rebatendo o ar;

por grácil arame
articulado a teu nariz
que teima em respirar.

Carbúnculo, febre,
cicatriz, saque,
trombos e síncopa,

no quarto escuro,
tudo balança
preso ao teto gelatinoso.

(Quem na vida subia contigo
degraus em disparada
e quem parou antes do refrão?)

“Não te mexas mais de ti!”
Tua calva, teu amor,
olhem apenas, imóveis, o vibrátil.



A encosta abre sua fome
insaturável à marionete
de gelo e sem conjectura.

Mas o resto ainda é completa vigília à alegria-sol...



Arte

Tem beleza
quando
a carne tão só
precisa
de amor
para ser
inteligência.



editoraUrutau

Lição de Molly

quando estiver distante
ou muito perto de alguém
à espera de um instante
ou da eternidade zen
faça seu melhor sorriso
para o mundo impreciso

nunca mesmo se detenha
ouça essa lição de Molly
a garota caribenha
“aqui sempre espere o sol
e sempre a chuva também”

o que é bom não dá aviso
e o mal não mata o riso
se beleza radiante
se escuro armazém
siga e olhe adiante
outro dia logo vem

nunca mesmo se detenha
ouça essa lição de Molly



a garota caribenha
“aqui sempre espere o sol
e sempre a chuva também”



editoraUrutau

Escapatória

I

na língua portuguesa
abater é um verbo transitivo direto
que significa tirar a vida de

é também um verbo pronominal
e nesse caso indica cair na prostração

(como são belas certas palavras
na língua portuguesa)

abater também é usado
por exemplo para referir
o assassinato de bovinos
que vão para o abatedouro

é possível abater um bovino
com um martelo pneumático
não penetrante
que leva a uma lesão encefálica



pensando assim abater
é uma estranha onomatopeia
que carrega em si a tristeza
dos animais
que vão para o abatedouro

sentido premonitório
previsão do futuro
mau pressentimento
mau agouro
talvez não disponham
dessas cartas na manga
os animais abatidos
e seguem abatidos assim
mergulhados no presente

não obstante há um ar
solene nesses casos

mas se pensamos
em outros animais familiares
a cena não é bem essa
pois a iminência do fim
terá outras conotações

no mínimo menos silêncio
melhor nem pensar no caso das cruzes
e nem se fala de fogueiras e vielas



II

em matéria de zoologia
contudo o animal
que mais me interessa
é o verme de Kafka
uma barata dizem uns
um inseto dizem outros

o grande dilema
deste pequeno famoso
e talvez de todos
os vermes insetos etc.
é a consciência agudíssima
de que só se pode profetizar
o presente e ele é um labirinto
cheio de gigantes

minha simpatia pelo verme
de Kafka vem da autoironia
de me sentir às vezes
triste como um bicho
que vai para o abatedouro
esses seus olhos lentos
são de boi já me disseram
esse seu silêncio é de boi
já me disseram

saia desse labirinto!



mas não gosto de chorar
meu lenço branco
tem outras utilidades
pela manhã manchas de sonho
de mar na cama úmida
tem um tigre chinês
estampado no meu lenço branco
em posição de caça

eu falo pouco
como um boi
e bem menos
que o verme de Kafka

eu gosto de falar
mas só quando não há outro jeito
por exemplo quando
o sol cai e na sala
se faz silêncio
tenho pânico desse silêncio
como se um martelo pneumático
viesse nos abater

mas você me diz
para não me preocupar com isso
que essas coisas ridículas
são o colosso da poesia
e que se Kafka estivesse vivo



editoraUrutau

faria filmes tipo sessão da tarde
de que todo mundo ri

enquanto caminhamos felizes
para o curral onde nos enganam
nos lançam fatalmente
sobre o cocuruto
um choque elétrico
uma mortal onomatopeia
que não é nem nunca foi
uma simples palavra da língua portuguesa

e eu que odeio a sessão da tarde
porque sou triste e silente
não riria de nada
não acharia graça
num sujeito que se transforma
em verme ou barata ou inseto
ou boi ou porco ou búfalo ou galo

eu não acharia graça desse mundo
e seguiria procurando
na penugem da emboscada
a chave
a porta
a janela
a palavra
escapatória



Transportes coletivos de Brasília

Embarque em Quinxasa
A cidade da tempestade perfeita
Às 5h30

Às 8h30
Desembarque em Longyearbyen
A cidade onde é proibido morrer



editoraUrutau

A escada

quando cheguei na beira
você apagou a luz
e a escuridão feito uma rocha
desabou deixando invisíveis
os degraus e as esperas
mas não tem nada não
eu sei de cor esse caminho
que vai daqui ao outro
hemisfério que fica lá
embaixo que é chamado
de buraco inferno subsolo
posso arriscar mais
uma descida sem problema
eu deixei a esperança numa toca
lá naquele patamar mais alto
lá é o lugar dela
deixa quieto e não me toque



eu desço sozinho no breu
mas lá pelos últimos andares
decerto a vista já acostumou
e vai ser mais difícil

tropeçar e cair
eu desço e descerei sempre
sem fé só com a lucidez
só de boa que a escada
sempre serviu ao ser humano
como uma boa organizadora

de quedas e eu tenho olhos
que funcionam na noite
e pés descalços e pé no chão
pode torcer e bater palma
eu deixei um rastro um resíduo

um rabo um perfume umas migalhas
se houver chance de subida
eu volto assobiando sabiá
a gente ainda se olha nos olhos

e eu faço clic e acendo a luz
e volto degrau por degrau
a ser quem eu era e te caço



editoraUrutau

pois quem costumou na treva
estará sem abrigo e cego

sem ninguém pra te salvar



Campo de letras

Asnos zurram
condecorados
enquanto burros
sem distinção
cismam de orelhas
pensas.

Quem guarda o rebanho
é que conta.
É quem conta o butim:

não suja no brejo a bainha
não zurra não cisma
não pensa.



editoraUrutau

Literatura

Uma tarde quente de verão.

Os amantes se olham.
Se escolhem, se intimam.
Investem-se. Derramam-se.

Podem decidir visitar
o parque de diversões
o zoo e suas alamedas.

A roda gigante ou
o carrossel,
a jaula dos leões.

Podem decidir um
cinema, um filme
de França ou Hollywood.

Podem decidir um
útero de árvore
a sombra a brisa a ilusão.



Ou não esperar pela noite:

querer o quarto
onde se fechem e após
uma garrafa de cerveja
conceber o amor ou as estrelas
e quaisquer outras fórmulas
de existência provisória.

Essa cálida luz
de prece e cadafalso
sob linóleo vermelho.

Essa luz que assa
os corpos atados,
atmosfera de inteligência e ação.

Essa luz que atravessa
em lanças a janela
que envolve a sua luta
e dissipá a certeza do fim.

Essa luz bem-vinda
entre tantas possibilidades
que não sossega nem depois
do trabalho dos corpos.
Essa luz eleita.

Essa luz é a literatura.



editoraUrutau

Cancelamento

o trator passa
a cancela fecha

aí vem o grilo
pula pula pula e pluma

depois vem seu grito
verde sobre a cancela bruta

— lá na roça a gente
diz esperança



As crianças

tudo é permitido
em um poema
que nunca será lido

ouve-se o ranger do sol
arrastando-se além do maciço
e entre gerações a queda
da cortina de chumbo branco

o chumbo branco à prova de raios-X

no entanto somos capazes
de amar as crianças
e a cor de cenoura ou cereja
que trazem todas no sorriso

impassível uma lâmina
dividirá o ar
a bem da dialética

elas as crianças carpirão a alameda
por entre a fumaça os blocos duros
e as touceiras de escravidão



não posso te dizer quando
não neste poema sem leitores

mas te garanto
pode respirar de novo
agora querida
onde quer que você esteja

você amava as crianças
nos anos 1970
e elas estão de novo por aí
estão comigo também
eu que já fui uma delas

as crianças
estão no mundo
como a voz de Bob Dylan
as asas das araras e o quinteto
para clarineta de Mozart

embora ninguém
possa ler hoje este poema

(eis o que chamamos
neste belo dia alienado
de boa notícia!)

elas as crianças vivem
a atmosfera até o fim



até o tutano
de seus ossos de leite
sim elas sabem
te garanto

elas as crianças
abrem de leve
ao ressonar
suas pálpebras de lua

como quando a fome claudica
à prece mecânica
dos alimentos
como o mel derrama
o gozo das abelhas

o zumbido da vida
está no canto delas
que habita esta página

supostamente invisível para nós



editoraUrutau

As nuvens

*Em verdade, é desconcertante para
os homens o
trabalho das nuvens.*

FERREIRA GULLAR

me empreste suas mãos
para tocar esta imensa pedra

quero apurar o peso do silêncio
que mora no frio rígido deste bloco
e resgatar de sua indiferença
o piano que vive ali em apneia

ninguém irá tocá-lo
um piano composto de rocha
é eternamente mudo

me empreste suas mãos
será necessário recobrir
com o látex do tempo
a cauda marmórea



deste piano calado
extraído da pedra

é assim que nós estaremos ali
inscritos inteiramente
como fazia-se no tempo antigo

vamos tratá-lo agora como pastores
de lebres lentas e envelhecidas
vamos contemplá-lo como faríamos
com um elefante
nobre quieto pesado de tempo
rei na lama ou na relva
sobre tudo o que há

este piano tirado da pedra mora no ar
deitemo-nos sem desespero no chão

me empreste suas mãos
vamos tocar o piano juntos
não simplesmente à espera de sons
mas para que ele esteja certo
em seu coração rochoso
de que alguém o ama
e aceita que ele voe
segundo o roteiro das nuvens
fortes e silentes



entretanto falantes são
as nuvens porque preenchidas
pelas vozes dos mortos

me empreste suas mãos
faz assim uma concha
e olhe o azul
você escutará
o nosso piano no céu



Pau-terra

Na estufa futura a última árvore do cerrado.
O abrigo do vidro furta-cor inutilmente translúcido.
Vespertina a auréola da última árvore do cerrado.

Extremo e assassino o vento do fim do mundo.
As três flores púrpura da última árvore do cerrado.
Cor de crianças e luto para coisas inexistentes.

O vento do fim do mundo faísca pedras incendiárias
e não decepa a última árvore do cerrado
mas a atmosfera plange a alienação total dos profetas.



Smartphone

de não muito longe
pode-se crer que
o telefone esperto
é o sujeito que comanda

os dedos do dono
pela frieza vampira
de sua pele de vidro
sensualidade sem arrepio

nos olhos do servo
um pouco mais perto
eu vejo quem goza:
anúncios entre chicotes



São Bartolomeu

1.

Algumas noites são terrivelmente claras.
Estabelecem com o dia uma relação símile
à que ocorre entre o passado e o presente.

2.

É frequente que linchadores ajam com as melhores intenções.
O arrependimento é um peixe sem pernas
pela estrada afora, bem sozinho.

3.

Consumado o ato, é noite outra vez sobre a noite.
E a lua vira as costas. Dá de ombros.
Não foi inventado o botão que faz o tempo retroceder.

4.

Os linchados são linchados até sumir.
Página rasgada: como o futuro amassado pela montanha.
Como o perfume que a poeira levantada dissipia.



editoraUrutau

5.

Um segredo dessa noite é partilhado.
Essas coisas não somem. Estão perto. Tão perto
que não as enxergamos, pois somos recusa.

6.

Mas quando os fantasmas intrometem-se
em algum ângulo quase cego da mirada
os olhos ardem dor de inferno: desmundo e sarabanda.



Acosso

Num canto
de cócoras
o coração.
Está de costas.
De contados
tostões.

Só
com o bilhete
da ida.
Sem cão
no mato.
Remancha
rumina
remói.

Engole de sal
um saco
o coração.
Lima horas.
Palita
sem palitos



a paisagem.

Sorve
caipira
o capim.

Cisma
bambeia
e cisma
mais o coração.

Tem a granada
na mão (ou a romã?).
E os olhos
que latem
de medo.

Não se apressa
não sibila.

Espreita.
O que vem?
Bate a estaca.
Finca pé e
pega fumo.

Está estanco
e submerso.

Desvia os olhos.
Desconversa
o coração.



Despista
dá de ombros.
Usa dentes
falsos.
Sorri e rosna?
Mas é bicho
sem estimação.

E o seu jeito
de repolho roxo
é um grito
acumulado
de esperança.

E senta e espera.
Por uma canção?
Sincopa
capitula e fala
em falso.
Mas é de selva.
Não gasta
saliva e pisa
sobre si
mesmo.
Também
é um jeito
de andar.



Pulsa o bote.

Dubla-se
e blefa: nadica
de nada.

Se te distrais
sai-te ao encalço
te acossa.

Dá-te caça
por mil quilômetros.
O pequeno
petrecho
que pare luz
pelas coronárias.

E rasga
pelo amor
a boca da noite.

Em um
vermelho
amanhecer.



E-mail sem assunto ao Armando Freitas Filho

eu vivi tanto tempo
com seus textos
diante dos olhos
e debaixo dos braços
que considero irreal
o e-mail em que você diz:

“obrigado pelo livro
bom e necessário”

custo a crer
sorrio
não quero dormir
nem nunca morrer

(você um passarinho
saltitando curioso
de surpresa na janela
que separa meu poema
da rua cheia de vida)



editoraUrutau

pare por aí: não leia
não vale o tempo
a pena
a paz
livros são testamentos
as praças têm luz de crianças

e a meu ver
a situação é esdrúxula
e muito bonita
suficiente

é como se Felice Bauer
telefonasse para K.
e dissesse: “afinal, então,
qual é a sua, orelhudo?”

ato contínuo
passo as mãos
nas laterais da cabeça
e constato pela enésima vez
a compleição mais que modesta
de minhas orelhas domesticadas



Uma caligrafia

I

Atualmente Galdino Jesus dos Santos
é uma escultura.

Uma forma que não tem morte
mas que pode ser destruída
a despeito da arte de Siron Franco.
Essa forma acolhe hoje
o carvão do coração de
Galdino Pataxó Hā-hā-Hāe.

Galdino todavia
já foi homem
já foi índio
já foi poema
e era essa a sua condição
— sujeito da vida —
quando lhe atearam fogo
em 20 de abril de 1997
em Brasília cidade fundada
há mais de 500 anos
por Pedro Álvares Cabral.



Cinco jovens bandeirantes
residentes no Plano Piloto
não deveríamos esquecer:
acharam que Galdino não era índio
acharam que Galdino não era um homem
acharam que Galdino era um mendigo.

Naquela etapa das bandeiras
a gloriais historia do subdesenvolvimento
admitia que matar mendigos
com álcool e fósforo
seria perfeitamente aceitável
até porque bandeiras muitas vezes são,
diziam os assassinos, “brincadeiras:
frutos do patamar atual da civilização”.

II

Manuel de Borba Gato, quando vivo,
tinha aparência de homem.
Por exemplo: respirava,
sentia frio e esporrava.
E finou-se como juiz ordinário da vila de Sabará.

Bandeirantes caçaram,
traficaram, violentaram, mataram, escravizaram
pessoas negras e indígenas como Galdino Pataxó.



Mas Borga Gato não estava mais vivo
quando no entardecer de 24 de julho de 2021
atearam fogo em sua estátua
tão horrível quanto sua vida
numa tarde paulista
que talvez fique esquecida
como a Ilha de Goré
ou as lindas retinas
das meninas do Suriname.

III

Há gente que não parece viva.
Há quem morra pela mão de coisas vivas
mais parecidas com estátuas horríveis.
Há quem seja, ainda, morto por bandeirantes
quando a riqueza assobia
na brisa que o Brasil beija e balança.

Essa gente, estátua, bandeirante,
está por aí, rangendo
mecanismos de morte.

Essas estátuas estão nas ruas
de São Paulo ou em Richmond, na Virgínia.
Outras sentam-se à cabeceira da mesa,
oram em templos e apostam no mercado
financeiro. Nos palácios de Brasília, arrotam.



Estátuas nunca são de um:
são de muitos e querem ser de mais.

E não deveríamos nos esquecer
de que o fogo foi feito para queimar
estátuas e não homens.

O fogo: uma caligrafia na contracorrente.
Estejam as estátuas vivas ou mortas.



Rejuvenesça

Cela s'est passé. Je sais aujourd'hui sauver la beauté.

JEAN-ARTHUR RIMBAUD

A cadeira de leitura dá para uma janela.
A janela dá para o lado mais quente da tarde.
O que é bom, pois fica-se a salvo do sono.

Os olhos às vezes precisam descansar.
A mente, respirar. É preciso erguer o corpo
do lodo em que as letras vivem, tão longe da vida.

Quase tão longe quanto eu, esta cadeira, esta janela.

Sorte nossa que há essa mangueira que dá mangas grandes.
Sorte que há uma bulha do outro lado da janela, distante,
à parte, de mim e de você, e quase nos limites da tarde.

Não há por que chorar pitangas; pelo leite der-
ramado também não.
Não faz muito: sorriamos.



editoraUrutau

Sorte que as mangas grandes atraem as maritacas vespertinas.
Em sua sinfonia de pau rachado, a razão encontra algum alento.
A fome e a canção no ritmo de algo antigo: sorte nossa.

Certas coisas — a poesia, o órgão do sexo,
os instintos e alguns lugares
onde de repente estamos —
ou em que sempre estivemos —
encontram a ruína devagar.
E, com sorte, feito a juventude,
desaparecem sem tragédia.



Abr'olhos

eu não quero um porto
eu não quero conforto
boia de segurança
bússola de esperança

desejo o temporal
espero pelo anormal
quero a noite sem norte
quero o murro que transporte

feita de foices, paus
quem pode anular
a vigência do caos
o império do não
a pedra angular
dessa revolução?

sua mão, sua boca
e a palavra mais rouca
quero também o tapa
quero o amor que desata



editoraUrutau

quero o corpo e o beijo
toda calma eu aleijo
quero a rua em desordem
e que os pássaros discordem

feita de foices, paus
quem pode anular
a vigência do caos
o império do não
a pedra angular
dessa revolução?

espero dar desgosto
em sentido oposto
ao seu ódio alinhado
ao país arrebentado

não quero a sua igreja
nem a mão que apedreja
porque eu sou a vidraça
a faca que você abraça

feita de foices, paus
quem pode anular
a vigência do caos
o império do não
a pedra angular
dessa revolução?



- primeira edição
- janeiro de 2022



editoraUrutau



URUTAU

editoraurutau.com.br

S 785259 001965